

PESO, MÍDIA E PRECONCEITO: GORDOFOBIA NA COBERTURA DA PANDEMIA DE COVID-19

Agnes de Sousa Arruda¹

Resumo:

Mesmo ao cumprir sua função informativa, o Jornalismo não está isento da reprodução de preconceitos arraigados no seio social. Um exemplo do que se fala está no tratamento que o Jornalismo destina às pessoas gordas. Este trabalho demonstra a relação entre gordofobia e mídia, de forma específica na cobertura jornalística da pandemia de Coronavírus, em três momentos: o início da quarentena, as suposições e descobertas sobre a doença e a busca por uma vacina. O objetivo é demonstrar como a estrutura social interfere no conteúdo jornalístico e como esse conteúdo retroage na manutenção de preconceitos, no caso a gordofobia. Usa-se pesquisa bibliográfica, exploratória, netnográfica e análise de conteúdo, a partir essencialmente dos estudos de Arruda (2021), Cabral (2002), Goffman (1988).

Palavras-chave: gordofobia; Covid-19; jornalismo; valor; bios midiático.

Abstract

Even when fulfilling its informative function, Journalism is not exempt from the reproduction of prejudices rooted in the social bosom. An example of what is said is in the treatment that Journalism gives to fat people. This work demonstrates the relationship between fatphobia and the media, specifically in the news coverage of the Coronavirus pandemic, in three moments: the beginning of the quarantine, the assumptions and discoveries about the disease and the search for a vaccine. The objective is to demonstrate how the social structure interferes in the journalistic content and how this content retroacts in the maintenance of prejudices, in this case the fatphobia. Bibliographic, exploratory, netnographic and content analysis research is used, essentially from the studies of Arruda (2021), Cabral (2002), Goffman (1988).

Keywords: fatphobia; Covid-19; journalism; value; media bios.

Introdução

A boa prática jornalística cumpre importante papel na divulgação de informações apuradas sobre o Coronavírus. Enquanto o distanciamento físico social se caracteriza como a única forma cientificamente comprovada de evitar a contaminação, no Brasil, a marca de 100 mil mortos foi ultrapassada em cinco meses de pandemia, nos quais parte da população tentava se proteger a todo custo contra a doença, enquanto outra, incentivada pelo próprio presidente da república, ignorava as recomendações dos principais órgãos de saúde do mundo em relação às medidas de proteção e segurança, colocando todas e todos em risco (CABRAL; PONGELUPPE; ITO, 2021).

¹ Universidade de Mogi das Cruzes. E-mail: agnesarruda@gmail.com

Diante do desconhecido, o Jornalismo, em especial sua modalidade televisiva, mas também as práticas relacionadas à internet, ganhou fôlego. A busca por informações, assim como a oferta de conteúdo sobre a doença e questões relacionadas cresceu (MARQUES, 2020; RIBEIRO, 2020; FONSECA, 2020). A partir, no entanto, da compreensão de uma relação simbiótica entre sociedade e mídia, que se refletem em um jogo de espelhos (CABRAL, 2002), é sabido também que o Jornalismo é responsável por reproduzir determinados preconceitos. Discute-se sobre a falta de representatividade nas redações e bancadas como um caminho possível para a revisão de comportamentos racistas (KIKUTI; NICOLETTI, 2019) e também machistas dentro da instituição jornalística (ABRAJI, 2017).

De acordo com o próprio Código de Ética da profissão, o Jornalismo é uma atividade de natureza social. Assim, questiona-se de que maneira sua produção tem contribuído para (re)produção de padrões e estereótipos acerca das pessoas gordas, compreendendo inclusive que tal conteúdo interfere diretamente na vida em sociedade, que busca esclarecimento e orientações nas informações transmitidas pelos veículos de informação. Entende-se estereótipo a partir das definições de Goffman (1988), como um conceito ou imagem limitante, construído em senso comum e que apaga as subjetividades das pessoas ou de um grupo.

Cabe dizer que entre os princípios básicos da atividade jornalística estão o compromisso com a verdade e, minimamente, a apresentação da perspectiva dos dois lados envolvidos na história (LAGE, 2006). Apesar disso, a imparcialidade jornalística é problematizada por uma série de autoras e autores, entre eles Pellegrini (2008), que enxergam justamente a impossibilidade de se atingir tal ideal de isenção uma vez que cada construção jornalística é uma narrativa completa de subjetividades a partir de escolhas individuais e coletivas. Essas escolhas perpassam por critérios coletivos, como a política editorial de cada veículo, a individuais, como a bagagem social, política, cultural e econômica de quem vai para a rua realizar a cobertura. Dessa forma, as redações jornalísticas são um reflexo da estrutura social, que por sua vez se orienta por aquilo que produz e divulga a mídia; o bios midiaticizado, nos termos de Cabral (2002).

Este trabalho fala sobre uma forma de preconceito presente nos media e em coberturas jornalísticas, inclusive na pandemia de Coronavírus, a gordofobia, que marca socialmente determinados corpos em estereótipos dos mais diversos, entre eles o de que toda pessoa gorda é doente (JIMENEZ-JEMENEZ, 2020). Com isso, notícias sobre o que se chama de “epidemia da obesidade” (FANTÁSTICO, 2020) e sua relação com a Covid-19 estão por toda parte, reforçando e incentivando o ódio a pessoas gordas. Elas estão no foco de análise deste

trabalho, que demonstra a relação entre o peso, a mídia e o preconceito.

A despeito da afirmação em senso comum de que obesidade é doença, a própria comunidade médica propõe uma revisão da ideia patologizada dos corpos gordos, reconhecendo as graves consequências da gordofobia na vida das pessoas. Estudo recente na *Nature Medicine* expõe que, por causa do preconceito, pessoas gordas são expostas à depressão, ansiedade, isolamento social, distúrbios alimentares e consumo de drogas e álcool, podendo levar à morte tanto por overdose de substâncias químicas, quanto pela prática do suicídio (RUBINO; PUHL; DIXON, 2020). Com a denúncia, os autores recomendam medidas de combate à gordofobia que envolvem a ampla divulgação de informações corretas e sobre o assunto, tendo a mídia e o jornalismo papel essencial nessa missão.

Trata-se de uma mudança de paradigmas acerca das pessoas gordas e seus corpos inclusive para os meios de comunicação, uma vez que se constata íntima relação entre a gordofobia e os media (AUTOR). A ideia de que o peso - e somente ele - indica a condição de saúde de alguém, de que a magreza é uma meta a ser atingida a qualquer custo e de que o emagrecimento está relacionado exclusivamente a um mérito individual é amplamente disseminada pelos meios de comunicação, associando magreza à saúde e gordura à doença sem um aprofundamento em questões outras de saúde. Entende-se gordofobia então como o preconceito contra a imagem do corpo gordo, sendo assim um importante objeto de estudo na área da Comunicação e que começa a ser desvelado.

Seguindo a proposta de monitoramento de cobertura jornalística e crítica de mídia com foco em saúde, este trabalho destaca três momentos da relação da gordofobia com matérias e reportagens sobre o Coronavírus: o primeiro, associado à preocupação/medo de engordar durante a quarentena; o segundo, no qual a obesidade é apresentada como fator de risco para a Covid-19, e o terceiro, em que a eficácia da vacina ainda então inexistente para a doença é questionada para pessoas com IMC acima de 40. Para isso, apresenta-se revisão de literatura (STUMPF, 2010), tanto em bibliografia da área médica (WHO, 1995; 2020; *NATURE MEDICINE*, 2020), quanto em comunicação, mídia e Jornalismo (CABRAL, 2002; DINES, 1986; LAGE, 2006; MEDINA, 2000; TUCHMAN, 1999), em uma pesquisa exploratória netnográfica (YAMAOKA, 2010) cujos resultados são submetidos à análise de conteúdo (FONSECA JUNIOR, 2010).

O peso, a mídia e o preconceito

Institucionalizada, a gordofobia age das formas mais sutis, como nos olhares registrados em *Wait Wathcers* pela fotógrafa Haley Morris-Cafiero (2020, online), às mais explícitas, como ataques verbais e físicos (BALBINO, 2020). Em uma sociedade cujo conjunto de hábitos e costumes fundamentais no âmbito das instituições e da cultura é permeado pelos meios de comunicação de massa, suas mensagens, imagens, e representações operam em simbiose, uma espelhando a outra (CABRAL, 2002). Levanta-se então a questão: a sociedade é gordofóbica porque a mídia é, ou a mídia é um retrato da sociedade? A resposta, no entanto, não é tão simples, inclusive porque ainda existe a negação da existência do preconceito sob a alegação de que denunciar a gordofobia é fazer apologia à obesidade (GELEDÉS, 2015).

O que se tem, na verdade, é o contrário: a celebração de corpos extremamente magros é uma realidade e esse comportamento é denunciado, entre tantos trabalhos, por Sanches (2018) ao falar sobre o discurso midiático das novas dietas e dos corpos magros como únicos autorizados pelos media a serem felizes e plenos; e por Nicolósi (2018), que aborda o discurso de naturalidade que permeia a mídia em relação a corpos que são moldados por cirurgias plásticas e editores de imagem e que levam a uma busca desleal por algo inatingível, responsabilizando exclusivamente a pessoa por não conseguir emagrecer, em um ciclo infinito de frustrações que levam a quadros de ansiedade, depressão, transtornos alimentares e vício em medicamentos, que por sua vez levam ao aumento de peso (LOUREIRO, 2017; SBEM, 2020).

Ao contrário do que acontece com corpos magros, que estampam revistas, apresentam programas jornalísticos, predominam em produções televisivas, fílmicas e séries como modelos positivos, corpos gordos são rechaçados pelos media. Além de representações positivas desses corpos serem praticamente inexistentes, elas seguem padrões estereotipados, identificados em pesquisa prévia. São elas: alívio cômico; estepe para o personagem principal, personificação daquilo que é feio, repulsivo, patético e errado, ou ainda a pessoa que passa pelo emagrecimento milagroso e que, a partir daquele momento, tudo passa a dar certo em sua vida. Na mídia, a pessoa gorda, em especial a mulher, é retratada como romântica, sonhadora e solteirona, e frequentemente para ser aceita em sociedade e finalmente ser feliz e bem-sucedida, a gorda passa pela transformação, que inclui o emagrecimento (AUTOR).

Há a atribuição de valor estético, em que magro é considerado belo e gordo feio, bem como de valor moral, em que magro é considerado bom e gordo ruim; e os exemplos se desdobram em produtos e formatos, inclusive no Jornalismo brasileiro, em especial nas últimas três décadas. A seguir apresentam-se três casos distintos do que se procura demonstrar, selecionados a partir de estudos anteriores (AUTOR) que exemplificam tal abordagem em veículos, pautas e linhas editoriais distintas, como forma de atentar ao fato de que o jornalismo gordofóbico não está somente atrelado às pautas de celebridades ou que abordam questões estéticas, nem às pautas relacionadas à saúde, preocupação comum, conforme demonstrado, associada às corporalidades gordas.

O primeiro deles trata-se de reportagem do Jornal Hoje dos anos 1990, por exemplo, apresentada por um jovem César Tralli, faz uma ode à gordofobia ao mostrar uma agência de modelos que só trabalha com gente “feia”, conforme dito em vídeo. A passagem que apresenta a responsável pelo empreendimento diz: “Gordinha, baixinha, com cara de bolacha e que descobriu em sua própria feiura sua fonte de renda”. A matéria segue reproduzindo preconceitos e estereótipos contra as pessoas gordas em falas como “Ninguém aqui tem rosto para revista ou comercial de televisão”, ou quando Tralli perguntada para uma entrevistada: “Tá vendo aquela gordinha ali? Você acha que ela tem condições de fazer comercial de TV?”, no que recebe a resposta: “Tá louco? Essa gorda?” (FERRAZ, 2020).

Outro exemplo é o da reportagem publicada no VivaBem, seção de saúde do portal UOL. A manchete “Estudo revela que 61% das brasileiras querem emagrecer, mas metade não se esforça para isso” vem ao lado da imagem de uma mulher gorda, deitada no sofá, assistindo televisão e com a boca cheia de comida; já o texto reproduz resultados do mencionado estudo, associando apenas iniciativas individuais ao emagrecimento, como a mudança na alimentação e a prática de exercícios físicos (ANDRADE, 2012), reforçando a ideia de que todas as pessoas gordas são preguiçosas, sedentárias e desleixadas. Outro caso é o da matéria sobre o emagrecimento da atriz Guta Stresser, publicada no portal R7. Com montagem do antes e depois do corpo da atriz, a manchete diz: “Após perder o pai e o emprego, atriz emagrece 15 quilos e fica gata” (KTV, 2017). Tal chamada não sustenta nem o argumento de que o monitoramento do peso alheio se dá a partir de uma pretensa preocupação com o estado de saúde da pessoa, reforçando que beleza, felicidade e sucesso só se alcançam com a magreza, mesmo sem emprego e enfrentando o luto.

Mais recente, em 8 de junho de 2020, ao trazer a pauta dos direitos da família e da violência doméstica em tempos de pandemia de Coronavírus, o vespertino Mulheres, da TV

Gazeta, constrangeu ao vivo a advogada convidada para tratar do assunto, Sandra Daniotti. Enquanto explicava questões jurídicas ao público, a profissional foi interrompida por uma participação da endocrinologista Maithê Pimentel com a fala “Sandrinha, se eu te pedir uma coisa você me ajuda? Eu quero te ajudar a emagrecer” (PACHECO, 2020). Sandra cobriu o rosto envergonhada enquanto a apresentadora Márcia Volpato se eximiu da culpa “No meio da pauta jurídica, Maithê?”, perguntou. Após a repercussão negativa, que levantou a discussão acerca da gordofobia no mercado de trabalho, onde pessoas gordas por serem vistas como preguiçosas e sem força de vontade são descartadas antes mesmo de passarem por processos seletivos (RODRIGUES, 2016), a própria TV Gazeta (2020) divulgou comunicado afirmando que “repensará a temática” em próximas pautas.

Se o conteúdo jornalístico é gordofóbico, a própria estrutura das redações também é, e especialmente mulheres, a despeito da competência, vivem sob a ameaça muitas vezes concretizada de perderem seus cargos caso ganhem peso. Assim relatam Micheli Diniz e Michelle Sampaio, jornalistas que afirmam terem sido demitidas da afiliada Globo em que trabalhavam após não voltarem ao peso que tinham antes de suas gestações. Apesar da emissora negar as acusações, ex-colegas de trabalho das jornalistas admitiram informalmente que o relato tem procedência e que o controle do peso por questões estéticas é recorrente especialmente entre as jornalistas (SCARDOELLI, 2019).

Na retroação social do preconceito, vê-se o ideal da magreza perseguido a todo custo, sendo as dietas a principal causa dos transtornos alimentares e distúrbios como o Transtorno Dismórfico Corporal, em especial entre as mulheres, as principais vítimas da Anorexia Alcoólica e de algo que na internet se encontra facilmente como “dieta da coca” e “dieta do crack”, em que há o uso deliberado dessas drogas para emagrecer (SBEM, 2020).

Mas obesidade não é doença?

Há uma diferença técnica entre ser uma pessoa gorda e ser uma pessoa obesa, o que precisa ser detalhada para a compreensão da gordofobia. Obesidade é um termo médico que determina corpos cujo Índice de Massa Corpórea é superior a 30. Esse índice é encontrado a partir de uma fórmula que divide o peso da pessoa por sua altura elevada ao quadrado. O resultado que se tem dessa conta é subdividido em seis faixas, que indicam do subpeso, quando o IMC é igual ou inferior a 18,5, à obesidade nível 3, categorizada quando o IMC ultrapassa 40 (WHO, 1995). O IMC e seu cálculo datam dos anos 1830 e passaram a ser utilizados pela OMS a partir dos anos 1990, preocupada com a desnutrição e a subnutrição. Em

um dossiê de quase 500 páginas que apresentam formas de interpretação do Índice, pouco mais de 20 delas são dedicadas aos corpos cujo Índice é superior a 30, primeiro grau de obesidade. Nele, de forma abrangente, é mencionado também que o excesso de peso, como uma condicional e não como uma determinante, pode elevar o risco do desenvolvimento de doenças cardíacas, hipertensão e diabetes, inflamações na vesícula e determinados tipos de câncer (WHO, 1995).

Por outro lado, informação interessante do dossiê que ainda hoje é pouco divulgada diz respeito a fatores que interferem na variação do IMC sem que a pessoa seja responsável por isso. Mesmo no caso da alta ingestão de calorias e da não prática de exercícios físicos, a OMS aponta questões socioeconômicas que impedem determinadas populações não só de terem acesso a um estilo de vida que permita tais hábitos, como levam à falta de informações adequadas sobre essas práticas. Aponta ainda que a biologia também interfere no resultado da conta, sendo o corpo feminino caracterizado por concentrar mais peso; assim como diferentes etnias têm diferentes estruturas corporais e, por isso, a média de seus IMCs pode variar (WHO, 1995, p. 313). Mesmo a obesidade tendo sido incluída na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, em sua versão conhecida no Brasil como CID-10 (WHO, 2020), sob o código E66, há variações que se relacionam a esses fatores diversos que interferem no resultado do IMC; como o E66.1, referente à obesidade induzida por drogas, o E66.2, que se refere à obesidade em pessoas com doenças neuromusculares, e o E66.9, obesidade de origem não especificada. Outros estudos ainda apontam falta de sono, condições socioeconômicas e desequilíbrio hormonal como responsáveis pelo aumento de peso, levando ao questionamento da patologização do corpo gordo a partir das gradações de obesidade (LOUREIRO, 2017).

No Canadá, os protocolos de saúde já foram alterados de forma a não ser apenas o resultado do IMC o único critério determinante da condição de saúde de alguém. Os novos procedimentos consideram condições pré-predicativas e foram publicados no *Canadian Medical Journal*, que traz ainda a necessidade do combate à gordofobia médica. Trata-se do preconceito que existe dentro da própria área da saúde em relação às pessoas gordas e seus corpos e se manifesta, entre outras formas, quando profissionais da área da saúde deixam de prestar atendimento adequado a pessoas gordas por considerá-las desenganadas. Outras situações se relacionam à ausência de equipamentos para atendimento, como aferidores de pressão, macas e aventais, bem como a uma equipe de profissionais que não aprendeu a lidar em procedimentos médicos com corpos maiores (WHARTON et al, 2020). Essas questões

também são apontadas na supramencionada publicação da Nature Medicine, que ainda recomenda como medida de combate à gordofobia melhorias na formação dos profissionais da saúde e a criação de leis de combate ao preconceito (RUBINO; PUHL; DIXON, 2020).

Assim, faz-se necessário revisar a ideia que se tem acerca das pessoas gordas patologizadas como obesas em dois aspectos. O primeiro diz respeito à forma de seus corpos; isso porque a ideia que se tem do corpo de uma pessoa tanto gorda quanto obesa no repertório popular é parecida. Um experimento interessante é buscar os dois verbetes no Google Imagens, cujos algoritmos são programados para atualizarem ao mesmo tempo em que as buscas acontecem, a partir daquilo que se clica quando os resultados são oferecidos, tendo então uma aproximação muito maior com o que se entende socialmente a respeito de determinado verbe (GOOGLE, 2010). Nesse experimento, o resultado que se tem para os dois casos é muito parecido, quando não muito contém as mesmas imagens.

Essa ponderação é importante porque, se existem vários graus de obesidade, no imaginário popular eles não fazem diferença e se relacionam diretamente com a ideia que se tem do corpo gordo, bem como de seus estereótipos. Além disso, pela régua do IMC, o corpo de um atleta fisiculturista seria considerado obeso, considerando a proporção de sua massa corporal em relação a sua altura. No entanto, não é usual que se pense que pessoas musculosas sejam obesas. Comum, por outro lado, é assumir que os corpos gordos são doentes apenas por serem gordos, sendo assim conveniente a confusão entre a terminologia médica e a característica física; e isso é gordofobia. “Só é gordo quem quer” e “Basta ter força de vontade para emagrecer” são frases tão associadas ao estigma, ou seja, à marcação social do corpo gordo, quanto a própria característica física; assim como a ideia que se tem de que essas pessoas são bobalhonas, espalhafatosas, incapazes, sem determinação e foco (AUTOR).

No caso da cobertura da pandemia de Covid-19, no entanto, são os estereótipos do corpo gordo preguiçoso e do corpo adoecido que prevalecem, e isso se dá em três momentos que se sobrepõem. Eles estão relacionados à vida em quarentena, aos riscos de contaminação e morte e, mais recentemente, à possível descoberta de uma vacina, conforme será demonstrado a seguir a partir de uma pesquisa exploratória netnográfica (YAMAOKA, 2010) que compreende o início da pandemia de Coronavírus e das medidas de isolamento social no Brasil, em março de 2020, e o fechamento deste trabalho, em 17 de agosto de 2020. Os resultados obtidos representam os mais relevantes para os verbetes associados à pandemia a partir do Google Trends, e foram submetidos à análise de conteúdo em suas etapas de organização, categorização e inferência combinando as técnicas da enunciação, expressão e estrutural (FONSECA JÚNIOR, 2010), cujos destaques são apresentados a seguir:

Gordofobia na cobertura da pandemia de Covid-19

São dois principais momentos de pico nas buscas sobre o Coronavírus no Brasil: o primeiro é na semana de 15 a 21 de março e o segundo de 12 a 25 de abril, coincidindo com o início e o endurecimento de medidas de isolamento físico social nos estados (GOOGLE TRENDS, 2020). Para o termo Covid, no entanto, há uma constância no pico, que se mantém desde o dia 22 de março até o mês de agosto (GOOGLE TRENDS, 2020b). No entanto, não somente na internet a população brasileira busca informação sobre a temática. Telejornais e jornais impressos são os líderes de confiança no que diz respeito à pandemia (BUCCI, 2020), e entre as emissoras pagas, a audiência Globo News, principal canal de notícias por assinatura do País, cresceu mais de 80% entre março e junho (SANTANA, 2020).

Os veículos jornalísticos alteraram suas grades de programação para privilegiar o Jornalismo, como fez a Globo, liberaram para não assinantes o acesso a informações relacionadas ao Coronavírus, como a O Globo e a Folha de S.Paulo e até o New York Times, e criaram produtos exclusivos para tratar do tema, como o podcast Plantão Coronavírus, da Folha e o Boletim Coronavírus, uma newsletter enviada pelo Nexo (SACCHITIELLO, 2020). Assim, alinhada às buscas por informações sobre o vírus em si, os grupos de risco, as formas de prevenção e, mais recentemente, as vacinas (GOOGLE TRENDS, 2020; 2020b), está a oferta de conteúdo jornalístico, incluindo a relação da doença sobre a qual ainda se está aprendendo, com a obesidade.

A princípio, a ideia de que o período de quarentena levaria ao aumento excessivo de peso ganhou força, o que se relaciona ao estereótipo de que toda pessoa gorda só é gorda porque fica em casa, deitada vendo televisão e comendo o dia todo (BALBINO, 2020). Tão logo essa preocupação se tornou assunto recorrente em especial pelas influenciadoras digitais do mundo fitness (GOOGLE TRENDS, 2020c), o Jornalismo bancou essa pauta e se ocupou em oferecer dicas de emagrecimento focadas em alimentação e rotinas de exercício em casa, como em “10 dicas para não engordar na quarentena”, do portal de saúde VivaBem (GRANCHI, 2020); em “Confira cinco dicas para emagrecer na quarentena”, da editoria de Saúde do Jornal Correio (2020); ou em reportagem do G1 com o título “Home office nos tempos de coronavírus: improviso, tentação de comer toda hora, postura ruim... como melhorar o ambiente e os hábitos” (FONSECA, 2020).

Nesses casos, a despeito das questões relacionadas à ansiedade causada por um período de incertezas pela mudança repentina de rotina e fatores associados, a informação de relevância transmitida é a de que adquirir uns quilos a mais em condições tão adversas é algo

inaceitável, estando a pessoa por sua conta incumbida de evitar essa “tentação” (FONSECA, 2020). Para isso, quem se viu obrigado a improvisar um espaço para trabalhar em casa na presença da família, sobrecarregando afazeres domésticos e sem opção de lazer ou entretenimento ao ar livre, ou até mesmo perdeu o emprego por causa da crise econômica gerada pela pandemia, é informado que para não engordar na quarentena é preciso “manter o foco” e “ser firme com o horário do treino” (GRANCHI, 2020), assim como “estabelecer uma rotina” e “praticar exercícios” (CORREIO, 2020), e que ter alimentos considerados guloseimas em casa são verdadeiras “armadilhas” (FONSECA, 2020).

Há também as pautas que reforçam a ideia de corpos gordos como doentes per se, explorando essa relação nas matérias que apresentam obesidade como fator de risco da Covid-19. Enquanto cardiopatias e diabetes representam juntas mais de 50% das comorbidades elencadas pelo Ministério da Saúde em relação à doença no Brasil, seguidas por pneumopatias, doenças neurológicas e doenças renais (DANTAS, 2020; NUNES, 2020; VALENTE, 2020), as produções jornalísticas usam o termo obesidade como gancho para falar sobre o assunto, explorando-o em suas manchetes sem que o conteúdo subsequente informe com clareza que se trata de uma condicional aplicada a uma parcela menor da população vítima da Covid-19. Entre os exemplos, estão “Covid-19: obesidade é pior para mais jovens do que para idosos”, do Metrôpoles (NUNES, 2020) e “Sobrepeso e obesidade: grupo de risco para Covid-19”, do Estado de Minas (MONTEIRO, 2020). No entanto, reportagem veiculada sobre o assunto na edição de 17 de maio de 2020 do Fantástico, da Globo, merece especial atenção. A despeito do título “Coronavírus: Drauzio Varella explica por que a mortalidade entre obesos é mais alta”, o vídeo de quase oito minutos foca nas doenças associadas à obesidade e usa de estudos ainda não concluídos para reforçar a ideia de que corpos gordos são doentes, a partir da seguinte estrutura (FANTÁSTICO, 2020):

- Apresenta personagem em torno de 50 anos que teve Covid-19; classificado como obeso, seu IMC é calculado na tela com um infográfico;
- Ensina a fórmula do IMC e informa que no site do Fantástico há uma calculadora para quem está assistindo calcular o próprio Índice;
- Traz a classificação do IMC em seus graus e atém-se à problematização dos corpos com índice acima de 30;
- Sobre a imagem de uma pessoa subindo na balança e tendo uma fita métrica envolvendo sua barriga, há texto que acompanha a narração indicando o nome das doenças relacionadas à obesidade: pressão alta, diabetes e doenças cardiovasculares;

- Apresenta estatísticas da população brasileira considerada acima do que chama de “peso ideal”, mas não diz quantas delas desenvolvem essas doenças; também não diz que essas doenças também acometem pessoas magras;
- Fala sobre a mortalidade dos jovens com obesidade ser mais alta que a dos idosos com obesidade, sem informar que parcela isso representa no total de mortos pela Covid-19;
- Sem apresentar dados, fala que nos Estados Unidos a obesidade é o segundo principal fator de risco para a doença;
- Apresenta hipóteses de pesquisa que ainda não foram comprovadas, por estarem em andamento, sobre a relação das células de gordura com o sistema de combate ao vírus no corpo humano;
- Aborda a falta de procedimentos médicos adequados para atender corpos gordos;
- Apresenta o caso de mais um personagem que teve Covid-19 com IMC acima de 30, filho do primeiro personagem; ambos recuperados;
- Nos 6 minutos de reportagem, acompanhando a narração, e com trilha sonora dramática, a frase: “Obesidade é um fator de risco para a Covid. Cuide-se!”;
- A reportagem termina com dicas sobre alimentação e exercícios físicos dentro de casa.

O tom dramático da reportagem é definido pela trilha sonora, narração de Drauzio Varella e utilização do recurso gráfico para reforçar pontos específicos do texto. Outro elemento presente são as imagens em super close (feitas de muito perto) e em contra plongée (de baixo para cima), dos personagens; enquadramentos conhecidos por fazer as pessoas parecerem maiores do que são (XAVIER, 2008). Chamam à atenção a menção à falta de atendimento especializado a corpos gordos, tratada como de responsabilidade da pessoa gorda e não do sistema de saúde que não está preparado para atendê-la, bem como a relação familiar entre os personagens, que convivem entre si. Sabendo que a principal forma de contaminação da Covid-19 é o contato físico, isso sequer é mencionado, de forma a parecer que ambos foram contaminados por serem gordos. Não suficiente, ao terminar a reportagem com dicas de exercícios físicos e alimentação saudável, reforça as questões de responsabilidade individual pelo peso ignorando todos os outros fatores que se associam a ele.

A visão patologizada do corpo gordo também aparece quando as atenções se voltam para a possibilidade de uma vacina contra a doença, em sua fase de testes. A matéria

“Obesidade pode prejudicar eficácia de vacina contra o novo coronavírus”, publicada em 5 de junho de 2020 pelo VivaBem, do UOL é um exemplo. Ilustrada pela uma imagem de um homem gordo, de feição triste, sentado na cama em um quarto escuro, o texto divulga uma pesquisa que ainda não havia sido concluída de que a vacina, que também seria ineficaz em corpos com IMC acima de 40 (VIVABEM, 2020). Ao divulgar a especulação, que não se confirmou posteriormente, a matéria reforça a supramencionada gordofobia médica, que considera corpos gordos como doentes apenas por serem gordos, sonogando inclusive possíveis tratamentos e recursos de atenção em saúde. Assim, tais produções desinformam e colocam em risco pessoas que deveriam se preocupar com a saúde e não o fazem, utilizando o jornalismo declatório, a atribuição e do uso de aspas como estratégia para legitimar o discurso da imparcialidade para reforçar e perpetuar um preconceito (LAGE, 2001; MEDINA, 2000; TUCHMAN, 1999).

Considerações finais

A gordofobia se dá, entre outros elementos, mas de especial interesse para este trabalho, pelo estigma do corpo gordo patologizado, seguido de estereótipos explorados pela mídia hegemônica que associa magreza à saúde e gordura à doença somente por uma avaliação visual. Quem denuncia a existência, as formas de ação e as consequências da gordofobia, muitas vezes, recebe a acusação de estar fazendo apologia à obesidade. No entanto, é justamente o contrário que se vê sendo aplicado especialmente pela mídia: uma exaltação de corpos extremamente magros e uma busca por esses corpos inatingíveis, que adoce e leva à morte muitas pessoas, em especial jovens e mulheres. Tal ponto derruba o argumento de preocupação com a saúde que se tem ao vigiar e controlar, a todo e qualquer custo, os corpos gordos, bem como o de fato de que a gordofobia médica é uma questão que a própria comunidade de profissionais da saúde vem apontando como problemática e que precisa ser combatida.

Apesar disso, a cobertura jornalística acerca da pandemia de Covid-19 ainda pratica esse preconceito, evidenciado em três momentos: no início da quarentena, quando as pessoas começaram a se preocupar com o ganho de peso por ficarem em casa; quando obesidade foi considerada fator de risco para a Covid e, mesmo no momento em que não havia uma vacina para a doença, é divulgado que as mesmas poderiam não funcionar em corpos com IMC maior que 40, especulação que não se confirmou com a concretização do imunizante, mas que contribuiu para a estigmatização das pessoas gordas e de seus corpos.

Assim, chega-se ao final deste artigo com reflexões que podem ser exploradas em estudos posteriores. Entre elas, se a composição e as práticas das redações jornalísticas interferem na produção de conteúdo hostil ao grupo formado por pessoas gordas, em especial as mulheres, a partir de suas escolhas e direcionamentos das pautas a serem produzidas, cobertas e veiculadas, não levando em consideração a possível ideia da perpetuação de um preconceito. Outro ponto de interesse se relaciona às condições contemporâneas de produção jornalística, que envolvem redações cada vez mais enxutas, acúmulo de funções, desvalorização da formação acadêmica, entre outros, que poderiam prejudicar o exercício da atividade de forma a reproduzir sem questionar discursos preconceituosos. Face ao jornalismo declaratório que se tornou a principal prática das redações, e considerando que a discriminação das pessoas gordas se fundamenta no conceito médico de obesidade, que patologiza a condição do corpo gordo (WHO, 1995), o jornalismo acaba reproduzindo o discurso médico sem ao menos investigá-lo com um pouco mais de cuidado, contribuindo para a reprodução do preconceito.

Nesse sentido, entende-se a gordofobia como o preconceito contra a imagem que o corpo gordo tem em sociedade, reforçada e amplificada pela mídia, sendo assim um importante objeto de estudo para a área da Comunicação. Com o exposto, afirma-se ainda que embora haja um princípio de reprodução por parte da mídia daquilo que acontece no seio social, a prática midiática leva a situações de gordofobia ainda não vivenciadas em sociedade, balão de ensaio para outras violências, borrando fronteiras entre o certo e o errado, não só reproduzindo e/ou amplificando algo o preconceito, mas induzindo/criando novos padrões e formas de opressão que precisam ser erradicados.

Referências

ABRAJI, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. Mulheres no jornalismo brasileiro. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2E7Uklq>. Acesso em 16 ago. 2020.

ANDRADE, Thamires. Estudo revela que 61% das brasileiras quer emagrecer, mas metade não se esforça para isso. In VivaBem UOL, 9 out. 2012, online. Disponível em: <https://bit.ly/31Psp1G>. Acesso em 14 ago. 2020.

AUTOR. O peso e a mídia: as faces da gordofobia. São Paulo: Alameda, 2021.

BALBINO, Jéssica. Prefiro Morrer Do Que Engordar Na Quarentena. In Puta Peita, 14 de maio de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/32arpXX>. Acesso 03 jun. 2020.

BUCCI, Eugenio. Quanto mais a pandemia do novo coronavírus amedronta, mais a sociedade confia no jornalismo. In Estadão. 29 mar. 2020, online. Disponível em: <https://bit.ly/30ZAtxz>. Acesso em 15 ago. 2020.

CABRAL, Muniz Sodré de Araújo. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CABRAL, Sandro; PONGELUPPE, Leandro; ITO, Nobuiuki. The Disastrous Effects of Leaders in Denial: Evidence from the COVID-19 Crisis in Brazil (April 28, 2021). In SSRN. 29 abr. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3yuqPBP>. Acesso em 22 mai. 2021.

CORREIO. Confira cinco dicas para emagrecer na quarentena. 5 mai. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3kLW6th>. Acesso em 15 ago. 2020.

DANTAS, Carolina. Cardíacos, homens e acima de 60 anos: conheça grupos que tiveram mais vítimas no 1º mês do Covid-19 no Brasil. In Bem-Estar G1. 26 mar. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/31VVUPy>. Acesso em 15 ago. 2020.

DINES, Alberto. O papel do jornal: uma leitura. 4 Ed. São Paulo: Summus, 1986.

FANTÁSTICO. Coronavírus: Drauzio Varella explica por que a mortalidade entre obesos é mais alta. 17 mai. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/2Y1RPrG>. Acesso em 15 ago. 2020.

FERRAZ, Ju. Como uma reportagem dos anos 90 reacendeu as discussões do que é “padrão” na internet? In Vogue, 29 jul. 2020 (online). Disponível em: <https://glo.bo/2Yik7i7>. Acesso em 14 ago. 2020.

FONSECA, Caue. Cresce interesse pelo jornalismo no Brasil. In GaúchaZH. 15 mai. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3ajt9jv>. Acesso em 12 ago. 2020.

FONSECA, Guilherme. Home office nos tempos de coronavírus: improviso, tentação de comer toda hora, postura ruim... como melhorar o ambiente e os hábitos. In Vida em Casa G1. 31 mar. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3gZdZCF>. Acesso em 15 ago. 2020.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GELEDÉS. Plus size: lutar contra o preconceito não é fazer apologia à obesidade. In Questão de Gênero. 9 jan. 2015, online. Disponível em: <https://bit.ly/2FqqXeH>. Acesso em 14 ago. 2020.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade deteriorada. São Paulo: LTC, 1988.

GOOGLE. How search works. Vídeo no YouTube. 4 mar. 2010. Disponível em <https://bit.ly/3gYvUJI>. Acesso em 13 ago. 2020.

GOOGLE TRENDS. Coronavírus. Disponível em: <https://bit.ly/2Y20kkZ>. Acesso em 15 ago. 2020.

GOOGLE TRENDS. Covid. Disponível em: <https://bit.ly/3iBqJjc>. Acesso em 15 ago. 2020b.

GOOGLE TRENDS. Engordar na quarentena. Disponível em: <https://bit.ly/341yP0o>. Acesso em 15 ago. 2020c.

GRANCHI, Giulia. 10 dicas para não engordar durante a quarentena. In VivaBem UOL. 01 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3kRBSOW>. Acesso em 15 ago. 2020.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos. 2020. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO) - Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Cuiabá, MT, Brasil.

KIKUTI, Andressa; NICOLETTI, Janara. Falta de diversidade nas redações esconde racismo estrutural do jornalismo e dificulta o debate sobre desigualdade entre negros e brancos. In Objethos - Observatório da Ética Jornalística. 25 nov. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2PQROCr>. Acesso em 14 ago. 2020.

KTV. Após perder o pai e o emprego, atriz emagrece 15 quilos e resultado impressiona. 15 mai. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3bWGJcv>. Acesso em 28 abr. 2019.

LAGE, Nilson. Estrutura da notícia. 6. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2006.

LOUREIRO, Gabriela. Gordofobia: porque esse preconceito é mais grave do que você pensa. In Revista Galileu. 3 mai. 2017, online. Disponível em <https://glo.bo/2Cr1gtg>. Acesso em 14 ago. 2020.

MARQUES, José. TVs e jornais lideram índice de confiança em informações sobre coronavírus, diz Datafolha. In Folha de S.Paulo. 24 mar. 2020 [online]. Disponível em: <https://bit.ly/2FbsPaW>. Acesso em 12 ago. 2020.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2000.

MONTEIRO, Lilian. Sobrepeso e obesidade: grupo de risco para COVID-19. In Estado de Minas. 28 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3iVZ2lt>. Acesso em 15 ago. 2020.

MORRIS-CAFIERO, Haley. Wait watchers. Disponível em: <https://bit.ly/3iKFYWT>. Acesso em 14 ago. 2020.

NICOLÓSI, Regina Helena de Oliveira Santos. Naturalidade sem natureza: a construção da mulher como simulacro na revista Plástica & Beleza. Dissertação (Mestrado). Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Paulista - UNIP. São Paulo, 2018.

NUNES, Bethânia. Covid-19: obesidade é pior para mais jovens do que para idosos. In Metrôpoles. 20 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3at0tVe>. Acesso em 15 ago. 2020.

O DIA. Mais de 60% dos jovens brasileiros dizem estar insatisfeitos com o corpo. 17 jun. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2zHnMfF>. Acesso em 22 mar. 2017.

OLIVEIRA, Israel Dias de. Jornalismo declaratório. São Paulo: Casa Flutuante, 2020.

PACHECO, Paulo. Gazeta constrange convidada com proposta para emagrecer e pede desculpas. In UOL Televisão. 11 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3iJ2M9K>. Acesso em 14 ago. 2020.

PELLEGRINI, Milton. As inverdades, as meias verdades do Jornalismo. In Ghreb. N. 11. São Paulo, mar. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3nWzsj2>. Acesso em 28 dez. 2020.

RODRIGUES, Alexandre. Onde os gordos não tem vez. In Superinteressante. 31 dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3avDXLs>. Acesso em 17 ago. 2020.

RIBEIRO, Michel. A cobertura da pandemia do novo coronavírus trouxe maior credibilidade ao jornalismo. In Observatório da Imprensa. 2 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2XU-Phvo>. Acesso em 12 ago. 2020.

RUBINO, Francesco; PUHL, Rebecca M.; CUMMINGS, Dixon et al. Joint international consensus statement for ending stigma of obesity. *Nat Med* 26, 485-497 (2020). Disponível em: <https://bit.ly/3iCTI6f>. Acesso em 14 ago. 2020.

SANCHES, Rodrigo Daniel. Corpus Alienum: efeitos do discurso das novas dietas, corpo-projeção e mídia. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018. Acesso em: 10 ago. 2020.

SANTANA, Jorge. GloboNews cresce em 84% de audiência desde o início da pandemia. In RD1. 5 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/33XFyZk>. Acesso em 15 ago. 2020.

SBEM, Sociedade Brasileira de Endocrinologia. O que é a obesidade? Disponível em: <https://bit.ly/34a35Xd>. Acesso em 13 ago. 2020.

SACCHITIELLO, Bárbara. Paywall: coronavírus faz veículos mudarem estratégias. In Meio& Mensagem. 13 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2DTyJf>. Acesso em 17 ago. 2020.

SCARDOELLI, Anderson. Demissão por causa do peso? Público se revolta contra afiliada da Globo. In Portal Comunique-se. 25 mar. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3iGaf4v>. Acesso em 14 ago. 2020.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa Bibliográfica. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999.

TV Gazeta. Comunicado. Post no Instagram, 11 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3gZ31wV>. Acesso em 14 ago. 2020.

VALENTE, Jonas. Saiba como está o avanço do coronavírus no Brasil. In Agência Brasil. Disponível em: <https://bit.ly/2Y45bUF>. Acesso em 15 ago. 2020.

VIVABEM. Obesidade pode prejudicar eficácia de vacina contra o novo coronavírus. 5 ago. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3h04Ppf>. Acesso em 15 ago. 2020.

WHARTON, Sean et al. Obesity in adults: a clinical practical guideline. Canadian Medical Association Journal, v. 192, p. 875-891, 4 ago. 2020.

WHO, World Health Organization. Physical status: the use and interpretation of anthropometry. (1995 : Geneva, Switzerland). Disponível em: <https://bit.ly/2FahUyf>. Acesso em 12 ago. 2020.

XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

YAMAOKA, Eloi Juniti. O uso da internet. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.